



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Administração, Administração e Propriedade: Casa do Galato do Porto—Papa do Bairro
Vales do Correlito para Cete—Preço 1800

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Non'Alvares R. Santa Catarina, 628-Porto
Visado pela Comissão de Censura

Mais uma viagem

Sai de raço de Sousa naquela tarde chuvosa, um domingo, deixando os rapazes no campo de jogos, ocupados com a bola. Houve uma disputa furiosa com um grupo de Castromil, *todos de bigode* como o *Pirúlas* me informou. O *Pirúlas* foi um dos felizes viajantes que naquela tarde me acompanhou, até S. Bento, aonde o *rápido* me esperava.

Antes de nos dirigirmos à estação, como tivessemos tempo, quiz passar pelo Lar, vêr que tal ia a tropa da cidade. Estavam quase todos. Tudo bem. Carlos e Júlio, tomam lugar no *Peugeot*. Em Santa Catarina, fomos ao *Majestic*, por um café. Entramos. Sala à cunha. Chovia. Era domingo; quem está bem deixa-se estar... Olhei em redor e tornei a olhar. *Vamos embora*, disse. *Não há lugares*. Pois enganei-me redondamente. Havia lugares.

Há sim senhor, foi a voz de muitos senhores, em muitas mesas. *Aqui*. Sentamo-nos. Eramos cinco. *Pirúlas*, por mais pequeno, tomou um copo de leite. Os outros, café. Vem a hora de saldar. *Tudo pago*, diz o servente! Sobraram bolos. *Leva embora*, exclamam os senhores dos grupos visinhos. *Pirúlas* toma os bolos, põe os olhos dele nos meus: *são pró batata*. Por ser pequeno, lembrou-se dos mais pequeninos: *pró batata*.

Quem nos cedeu os lugares? Não sei. Tantos que se levantaram ao mesmo tempo, com o mesmo desejo: *práqui!* Quem pagou? Também não sei. Quanto? Da mesma sorte. Não interessa. O que importa é saber que a cidade do Porto, não se escandalisa de vêr um padre com a batina do altar, entrar no *Majestic* a dar leite, alegria e importância aos que foram de terras de ninguém. E', até, o Porto, que lhes dá leite, alegria e importância! A luz do Evangelho transfigura os farrapões. Todos querem estar ao pé deles! E' o Tabor! Se fores capaz de ler isto com a força que eu escrevo, choras de alegria à vista deste pintalgar do divino no humano!

Sim. O Porto não se escandalisa. Nunca como hoje o Porto amou as crianças abandonadas! Nem há outra maneira de aproximar, de fazer amigos, de enriquecer. Não há. Os cinco que comigo levei, (ia a dizer os cinco grandes) foram hóspedes d'honra de todos quantos se encontravam no *Majestic*. Eles não esquecem. Não podem esquecer. Sentem-se obrigados e retribuem.

Outra vez o *Peugeot*. Outra vez o *chega-te prá lá que ai era eu* e o mais que se ouve nestes apertos. Em baixo, S. Bento. Lá estava o *rápido* à minha espera. Muitos senhores e muitas senhoras fixam seus olhos duvidosos: *é ele é*. Sou eu. Sou eu que estou em causa. Não sei se no Império haverá alguém mais falado! A segunda série, começa na Pampilhosa, mas ao toque da primeira, vem o empregado anunciar que um senhor engenheiro me esperava na sala de jantar. Um senhor engenheiro! Fui. Quem é que não havia de ir?! Quis que eu jantasse mais ele, e assim aconteceu. Falamos e falamos e falamos. A criança da rua, foi o assunto. Propôs auxiliar a Obra de uma forma original e eu disse que sim senhor.

—V. Não se importa de eu ser estrangeiro?

—Não senhor.

—V. não se importa de eu ser protestante?

—Não senhor.

Regressei ao meu lugar, jantadinho. Não vale

NOTA DA

Eu era para dar este numero à estampa com aparato de aniversário. Era. Ele completou justamente três anos nos primeiros dias do mês. Gostaria. Mas os trabalhos crescem. Os ajudantes não aparecem. Os que tenho ao pé de mim, ajudam-me... a mais trabalhos. Se os chamo, trocam as letras, erram as palavras, sujam os dedos, o papel e o chão! E' tinta.

Mas há mais. Os meus colegas de imprensa não saúdam. Não digo os diários. Isso nem pensar. Falo dos pequeninos como eu. Os quinzenais. Os semanais. Os meus colegas. Ninguém faz caso. Já quando foi do congresso da imprensa católica em Braga, o *Gaiato* ficou à porta. Ora eu, de desgosto, não faço festa este ano.

Mas isto não é luto. E' sentimento. Quanto ao mais, tudo vai bem. Estou mesmo em dizer que no genero, é o *Gaiato* quem leva a camisola amarela. Os leitores não se cansam de o gabar, e pedem mais.

Pois que o nosso Bom Deus faça dele um instrumento de Paz. Aonde o ódio, que êle difunda o amor. Aonde a discórdia, a união. Aonde o êrro, que êle plante a verdade. Aonde a duvida, a fé. Aonde o desespero, a esperança. Aonde as trevas, luz.

Que êle, o humilde festejado, procure mais consolar do que ser consolado. Antes compreender do que ser compreendido. De preferência a ser amado, que êle ame. Visto como é no dar que se recebe, no perdoar que

somos perdoados, no morrer que ressuscitamos para a vida eterna. Esta tirada não é da minha canêta. E' uma apropriação. Mas a verdade é que a minha canêta e os meus passos, veem a dizer isto mesmo há trez anos, ainda que por outras palavras.

E tanto assim é, que se eu me não confessasse, os leitores haviam de tomar por minhas as palavras daquela oração, de afeitos que andam a escutar-me. Mas não. O seu a seu dono. Cada um tem o seu estilo, suas qualidades, seus defeitos, sua história, e quantos a sua tragédia! Quem pode despir esta roupa? Quem pode vestir a d'outrem? São bens pessoais. Terrivelmente pessoais. Sim. A sua tragédia! Tragédia que importa viver até ao fim! De uma vez um moço veio ter comigo, curioso. Queria saber para quê um Jesus Crucificado e porque não simplesmente um Jesus nado. *E' que ainda não sofres*, disse eu com os meus botões. O moço regressou com a sua curiosidade por satisfazer. Quem pode compreender uma loucura qual a da Cruz?! Aonde a inteligencia? E no entanto, sem a compreender, o mundo das almas necessita do Louco da Cruz. Nunca o mundo das almas viveu sem Ele. Antes do Calvario, era a promessa. Agora, é o facto. Se não fôra a tragédia do Calvário, quem poderia, sem desesperar, viver a sua pequenina tragédia? O moço foi-se embora. Hoje não, porque moço. Mais tarde, com anos e desenganos, sim. Há-de compreender.

QUINZENA

a pena dizer o que foi. E' sempre a mesma coisa. A chuva fustiga as vidraças. Ao pé de mim, vai o grupo que disputara o desafio de bola no Porto, naquela tarde. O assunto era a bola, já se vê. Andava ali ós saltos, qual no campo. Contente, por calcular que ninguém me faria perguntas, aninhei-me na carruagem, a descançar. A chuva fustigava as vidraças... Pois enganei-me. Outro engenheiro!

—Não se importa de me falar?

—Não senhor.

Ai vem a *obra da rua*. Os rapazes. Quantos? Como? Aonde? Quê? E nova proposta para auxiliar a obra. *Sabe; vou interessar certas senhoras ricas que eu conheço e que não fazem nada!*

Ora essa? As senhoras ricas não fazem nada? Não me parece! Os grandes diários comunicavam, há dias, que uma senhora rica—*A senhora mais rica do mundo*, como os jornais referiam, tem levado a vida inteira a casar e a descasar. Ora isto são trabalhos. Grandes trabalhos.

O senhor engenheiro fez mais perguntas e a derradeira foi de todas a melhor:

—V. dá-me licença de o ajudar?

—Dou sim senhor. Aceito toda a cooperação honesta.

Um protestante. Um espírita. Um católico. Todos os espíritos louvam ao Senhor.

O Comboio chegou. Dia seguinte, no hotel, à hora do café, um senhor aproxima-se, coloca um silencioso envelope sobre a mesa, e retira-se.

A' hora do almoço, um outro senhor, idem. Já no comboio, à ida, dois senhores tinham pedido licença de meter suas mãos em minhas algibeiras! De onde são eles todos? Do Porto. São do Porto. Se janto, é do Porto o jantar. As boladas em viagem, são do Porto. Portugal nasceu no Porto. E Lisboa? Lisboa também. Também, sim senhor. Mas a prova real, vai ser tirada quando se abrir a Casa do Gaiato de Lisboa. Só então é que se há-de saber onde fica uma terra e onde fica a outra, no mapa da generosidade.

Andei 3 dias por Lisboa, desta feita. Chuva. Frio. Tristeza. Do Terreiro do Paço, desalento. O chamado Socorro Social, está pela hora da morte.

Escrevi de lá uma carta ao P.º Adriano a condimentar as tristes notícias, aonde lhe dizia que a nossa riqueza não é de maneira nenhuma constituída pelas verbas do Terreiro do Paço, mas antes pelos casos humanos que nos procuram. Esta verdade é o rochêdo aonde a gente se instala, a espreitar o mundo e apreciar os mortais. Aguias!

Chamam agora *Skymaster* e *Constellation* às obras do homem, como se o nome lhes desse o poder. *Mestre do Céu! Constelação!* Deus confunde os soberbos e dá a graça aos humildes.

Topei na arcada duas religiosas que também andam por lá na mesma vida. Somos do mesmo officio mas não inimigos. Porquê? Por amor dos nossos trabalhos. A cruz não faz inimigos. Conversamos, e elas quiseram saber quais os docu-

ASSINATURAS PAGAS

Belmiro António Silva, S. João da Madeira, 30\$; Artur de Moraes Bettencourt, Ponta Delgada, 30\$; Inspector Américo Gomes dos Santos, Arrancada do Vouga, 50\$; Fernando Gomes da Costa, S. João da Madeira, 50\$; Gertrudes da Encarnação Santos, Lisboa, 20\$; Maria Augusta Barata Correia, Lisboa, 30\$; Padre Manuel Joaquim Correia, Quadrazais (2 anos), 100\$; Fernando de Almeida Azevedo, Santarém (2 anos), 50\$00; Maria Pereira Dias Nunes, Póvoa de Varzim, 25\$; José Eduardo Gomes de Sá, Póvoa de Varzim, 25\$; Padre Manuel Mendes Barata, 25\$; Maria Adelaide Balsa, 20\$; Ema de Sousa Jerónimo, 20\$; Herminia Graça, 20\$. Todos de Gouveia.

Menina Nita do Canto e Castro, Figueira da Foz, 30\$; José Manuel Fernandes da Silva, Nageselo do Douro, 50\$; Victor Manuel Amaro Salgueiro dos Santos Galo, Marinha Grande, 50\$; Carlos Manuel Amaro Salgueiro dos Santos Galo, Marinha Grande, 50\$; Amélia Teixeira, Lisboa, 50\$; Fernando Namit, Coimbra, 100\$; Associação Industrial Portuguesa, Porto, 50\$; Borges & Comp.^a Porto, 100\$; Virginia Oliveira Barreto, 20\$; João Fernandes Barros, 30\$; Domingos Junqueira, 20\$. Todos de Braga.

Maria Amália Marques de Pádua, 20\$; Dr. Augusto Correia, 50\$; Delfina de Vasconcelos, 20\$; Maria de Abreu Valença, 30\$; Maria Darotêa Moraes de Sousa Machado, 40\$; Maria Emília A. da Costa Valença, 20\$. Todos de Braga.

Maria Raquel Andrade Leitão, Coimbra, 20\$; Menina Maria Hermenegilda, Cunha Monteiro, Peniche, 20\$; Maria Hermelinda Andrade Maurício, Peniche, 20\$; Maria Antónia Martins Ferreira, Coimbra, 20\$; Dr.^a D. Maria Alice Salgueiro, Covilhã, 40\$; Dr.^a D. Almerinda M. Leitão, Covilhã, 30\$; Major André Pelicano Fernandes, Lisboa, 25\$; Engenheiro Abílio Donas Botto, Coimbra, 50\$; Maria Helena Matias Veigas, S. Martinho da Cortiça, 100\$; Dr. Francisco José Portal e Silva, S. João da Madeira, 50\$; Manuel Leite Almeida Baptista, Murtosa, 30\$; Jaqueline Pereira Dinis, Montemor-o-Novo, 200\$; Catarina da Anunciação Barta Rodrigues, Lisboa, 30\$; Padre José Miguel Pereira, Sabugal-Malcata, 50\$; Augusto Varanda Júnior, Soure-4 anos, 80\$; A. Silva & Gomes L.da, Lisboa, 100\$; Adão da Silva, Paço de Sousa, 50\$; Emídio Nogueira, Cête-Barreiro, 50\$; Maria Celeste Carmo Vasconcelos-4anos, Vila Nova de Ourém, 25\$; Isabel Maria Pinto da Cruz, Porto, 25\$; Aurora Bessa, Porto, 25\$; Helena Bessa, 25\$; Lucília Leitão Pessoa, 50\$; Manuel de Portugal Branco, 100\$. Todos de Lisboa.

Amélia Eugénia Franco da Fonseca Castel-Branco Duque Vieira, Castelo Branco, 25\$; Fixes o Orfeão do Porto, Porto, 150\$; Hermínio Capêlo, 2 anos-Torres-Vedras, 50\$; Maria de Lourdes Tavares Correia, Alljó, 20\$; Manuel Teixeira Correia, Alljó, 30\$; Matilde Lebre, Viseu, 25\$; Adelaide Suzana de Amaral Furekini, Viseu, 25\$; Maria Lucília Vouzela, 25\$; Padre Manuel Dionísio Moreira-Alvares-Pessegueiro da Serra, 20\$; Rogério Antunes, Porto, 100\$; Maria Vitória Ferrão Ayres, Carrazêdo de Montenegro, 70\$; Herminia Correia Soares da Rocha, Vila Nova de Famalicão, 20\$; Renato Teixeira Lopes Cautista, Casa do Douro Régua, 50\$; Maria Basto, Barcelos, 50\$; Maria Joaquina de Alcobia, Lisboa, 40\$; Dr. Luciano Correia, Anadia, 50\$; Beatriz Allegro de Magalhães, Foz do Douro, 100\$; Guilherme Augusto Cunha, Freixo de Numão, 100\$; José da Costa Sampaio, Lousada, 40\$; Maria Lusitana Barata Garcia-2 anos-Vila Nova do Ceria, 40\$.

Dr. Italo Rizetti, 50\$; Professor José da Cruz Filipe, 50\$; Engenheiro Armando Casquilho, 50\$; Marinus Corneli Wolfensperger, 50\$. Todos de Lisboa.

Armandino Fernandes da Costa Mendes, 100\$ (2 anos); António Joaquim de Oliveira Moraes Júnior, 20\$; Lucinda Machado, 50\$. Todos do Porto.

Ricardina Amaral, Peniche, 20\$; António Alexandre Rodrigues, Porto, 25\$; José Augusto da Silva Rezende, (4 anos), Vila Nova de Gaia, 100\$; Dr. Júlio Ferreira Constantino, Cova da Iria, 50\$; Padre José Rodrigues Paiva, Ajuda-Ancião, 50\$; Estelita Baptista Cotrim, Ferreira do Zêzere, 20\$; Judite da Silva Gonçalves, Lisboa, 50\$; A. Mendonça, Porto, 20\$; Martiniano Fernandes da Silva, Porto, 30\$; Camilo José Ribeiro, Porto, 50\$; Alberto Correa Monteiro, Rio de Janeiro, 100\$; Henrique Coelho da Rocha, Porto, 50\$; Amorim, Lage, L.d.a, Aguas Santas, 30\$; Adelino Sampaio, Porto, 40\$; Hugo Guedes Pinto, Porto, 20\$; Fernando José Carteador Mena de Matos, Porto, 20\$; Arnaldo Faria Insua, S. Pedro da Cova, 60\$; Berta Veiga, Trofa, 50\$; Maria do Carmo da Silva, Porto, 30\$; Jorge Carlos Falcão de Azevedo, Santo Tirso, 50\$; Major Mário Risques Pereira, Lisboa, 50\$; Companhia Nacional de Peneus, Porto, 200\$;

Fernanda Alexandre Bebiausso Barreto, Trancoso, 50\$; Maria Inácio Matos Vieira, Póvoa de Lanhoso, 50\$; Maria da Piedade Andrade Ferreira Monteiro, Portimão, 50\$; Dr. Eurico Gomes Almeida, Oliveira de Frades, 50\$; António de Sousa de Lacerda, Anadia, 50\$; David Bento Ferreira Araújo, Mesão-Frio, 40\$; Dr. Juiz Alfredo Alvarinha, Mêda, 30\$; Dr. Manuel Cristiano de Sousa, Lisboa, 100\$; Maria Carilda Alves de Almeida, Lisboa, 20\$; Junta de Freguesia de-Freixo de Numão, 100\$; Angelina Alves Gomes, Lisboa, 50\$; Joaquim José Rodrigues, Lisboa, 100\$; Padre Augusto José Pereira, Castelo Novo, 20\$; Tomás de Figueiredo, Lisboa, 50\$; Maria da Piedade Azevedo, Cardigos Valharcos, 40\$; Mario Amélia Gomes de Almeida-2 anos Vila Nova de Gaia, 50\$; José da Silva Correia, S. João da Madeira, 50\$; Luísa Pinto de Mesquita Lima, Pombal de Anciães, 20\$; Augusto Campos de Melo, Arouca, 60\$; Tavares & Comp.^a L.da, Castelo Branco, 40\$; Maria Helena Pedrosa de Almeida, Porto, 20\$.

Henrique Pereira de Figueiredo, Coimbra, 20\$; Maria dos Prazeres Duarte Carneiro, V. N. do Ceira, 20\$; Dr. Francisco Cortez Pinto, Eng. Ernesto Santos Bastos, R. Tábuas Rodrigues, Comandante João Judice de Vasconcelos, Samuel Deniz, Dr. Domingos Ferreira Deusdado, Professor e Arquitecto Pardal Monteiro, Albano de Sousa, Torcato Pardal Monteiro, Carlos Eugénio Moitinho de Almeida, Pedro de Andrade, Agostinho Fernandes, Eduardo Borja de Araújo, Eng. António Branco Cabral, Eng. Henrique Faro, Dr. José Chaves Ferreira, Dr. Raúl do Carmo e Cunha, General Júlio Pereira Lourenço, Carlos Simões Travassos, A. D. Lindley, todos com 50\$; de Lisboa, Valentim de Carvalho, Eng. Ernesto Pires, Gil de Almeida, com 100\$; idem.

Manuel Jorge da Costa, Casa de Santa Eulália-Paço de Sousa, 50\$; Gervásio Machado Tomé, Porto, 5 n.os, 50\$; Maria Braamcamp de Mancelos e Mascarenhas Taveira, 50\$; Maria Angelina de Mattos de Sá Pereira, Maria Fernanda de Mattos de Sá Pereira, Francisco José Mattos de Sá Pereira, todos de Alpedrinha, 50\$00.

Artur Zuzarte de Mendonça, Lisboa, 36\$; Artur de Noronha Campos, Lisboa, 2 anos 40\$; Maria da Natividade Silva Tavares, Cardigos, 2 anos 50\$; Francisco Cotrim da Silva Garcez, Ferreira do Zêzere, 50\$ Alfredo Simões Pimenta, Almada, 50\$; Manuel Caramona, Lisboa, 50\$; António João Pedro, Freixo Santa Cruz da Trofa, 20\$; Padre Dr. Virgílio da Costa Oliveira, Seminário do Fundão, 50\$; João Braga, Coimbra, 20\$; Eduardo Guedes de Oliveira, 20\$; Dr.^a D. Cecília de Passos Lajido, 20\$; Ernesto de Oliveira Rodrigues, 25\$; Albino Ramalheite, 25\$; todos de Lisboa.

João Rafael Mateus, Moita, 20\$; Dr.^a D. Maria Augusta de Sousa Viana, 25\$; Dr.^a D. Joana Homem Cristo, 20\$; Mário Alves de Sousa, 20\$; João Nunes Génio, 10\$; Jaime Lopes da Silva, 20\$; todos de Lisboa.

António Ponte de Moraes, Lisboa, 20\$; Dr. Orlando Leitão, Lisboa, 50\$; Joaquim da Horta Brito, Fundão, 25\$; José Maria da Costa, Fundão (2 anos), 40\$; Dr. António de Pinho, Aveiro, 30\$; D. Nanni Burnester Gilbert, Porto, 100\$; D. Cristina Pinto Brachado, Casa de Valbom-Sinfães, 100\$; Eduarno Alves Moreira, Porto, 200\$; Francisco Monteiro, Porto, 100\$; Humberto Albano, Lisboa, 50\$; José Carvalho, 20\$; Luís Vígoco, 25\$; D. Maria da Conceição Malta, 20\$; D. Maria Elvira Freitas Pacheco, 50\$. Todos no Porto.

Serafim Caitano Monteiro Pereira, Gondomar, 50\$; Dr. Joaquim Tavares de Matos, 100\$; Dr. Artur Correia Barbosa, 50\$; António José Monteiro, 50\$; Dr. José de Castro e Lemos, Covo, 50\$; D. Ana da Silva Azevedo, 65\$; José Ferreira da Silva, 30\$; Alberto Nunes da Silva, 30\$; José Lino Pires, 30\$; D. Ascensão Gandra Ferreira dos Santos, 30\$; Herminio de Bastos, 25\$; Antero da Silva, 25\$; Dr. Albino Martins Fernandes, 20\$. Todos de Oliveira de Azemeis.

Manuel de Bastos, Pinheiro da Bemposta, 25\$; Caitano da Silva, Machado, Carreira-Famalicão, 50\$; D. Cândida Margarida Gomes Teixeira, Cumieira-Vila-Real, 70\$; Doentes do Sanatório do Outão, Setúbal, 50\$; D. Maria da Costa Gomes, Chaves, 50\$; António Coelho de Sousa, 20\$; D. Adelina da Rocha Araújo, 50\$; D. Alzira Rocha Vaz, 110\$;

D. Filomena Alves Real, Teixoso-Oujais, 20\$; Professora, D. Denérida Alves, Espadanêlo, 20\$; Empregados da Sacony Vacuum Oil Companhia, Porto, 50\$; António Russel de Sousa, Porto, 3 anos 5.000\$; D. Enedina Santos Seixas Penetrá, Sameiro-Braga, 30\$; José da Costa, Torres Vedras, 25\$; Alberto Alves Tavares, Oliv. do Douro-Corredoura, 20\$; Manuel de Pinho, O. de Azemeis, 25\$; Joaquim Coelho Faria, Pedra do Ouro-Ancião,

25\$; Eng. Pedro da Silveira, Lisboa, 200\$; Maria das Dôres Malheiro Burmester, 20\$; Maria Alzira Pereira Leite, 20\$; Evaristo Barbosa Monteiro, 20\$; António Freire de Oliveira, 10\$; todos de Lousada. Alvaro d'Almeida, Porto, 50\$; António Pinto Azevedo, Rio-Tinto; 25\$; Albino Ferreira da Cruz, Rio-Tinto-Fânzeres, 2 anos 40\$; D. Regina da Conceição de Meyreles, Lisboa 20\$; José Maria Rodrigues Formigal, Porto, 50\$; Maria Madalena de Freitas, Guimarães, 16 meses 50\$; Beatriz Ferreira, Porto, 30\$00.

Augusta Victória d'Oliveira Pinto Cerdeira, V. N. de Gaia, 20\$; Maria José Cinta, Sardoal-Alcaranela, 25\$; Delfina Lalande Nogueira, Sardoal-Alcaranela, 25\$; Inácia Ferreira da Costa, Espinho, 25\$; Manuel Chaves de Almeida, Lisboa, 20\$; Tereza d'Almeida Lopes, Mora, 40\$; José Luís Rosado, Seminário de S. Paulo Almada, 20\$; Josefina Ferreira, Esposende, 30\$; Maria Ermelinda Rosa Mogano, Esposende, 30\$; Madame Azevedo, Lisboa, 50\$; Capitão António Ibérico Nogueira, Macieira Liz, 50\$; Francisco Gouveia, Porto, 20\$; António Lopes Dinis, Bencanta-Coimbra 20\$; João Manuel de Sousa Nunes, Lisboa, 50\$.

Joana Themudo de Vera, Lisboa, 50\$; Rosalina Leite Silva, Braga, 40\$; Directora do Colégio da Imaculada Conceição de Viseu, 50\$; Padre Davide Marques, S. Pedro de Alva, 20\$; Jerónimo Pais Rebelo, Cano, 30\$; Maria Amélia Moura Veloso, Vila-Ena-Lordêlo-Nepelos, 5\$; Dr. Henrique de Melo Machado, Viseu, 100\$; António Reis, Pinhão-Riodades, 20\$; Merino Loureiro de Araujo Pereira Pinto, Souzelo-Castro Daire, 40\$; Maria da Cruz Carvalho, Porto, 20\$00; Henriette Dongrie de Barros, Porto, 50\$; Maria Adelaide Nogueira Viana, Póvoa de Varzim, 20\$; Hilária Mota Infante da Câmara, Vale da Figueira Santarém, 100\$; Maria Lucília Leosir de Carvalho Branco, Lisboa, 125\$; Anrélio da Costa Babo, Marco de Canavezes, 25\$; Dr. Joaquim Trigo Negreiros Cabral Sampaio, Porto, 20\$; Nuno Berrance Correia d'Abreu, Porto, 40\$; Francisco Teixeira Carvalho Junior, Foz do Douro, 50\$; Joaquim Landeiro, Porto, 20\$; José Maria de Castro Salazar, Porto, 30\$; Maria Augusta Teixeira, Fão, 20\$; Dr. António Pereira de Meireles, Lousada, 40\$00; António Domingos, Fundão, 30\$; Ireone de Serpa Viana, Lisboa (1 mês), 10\$; Mariana da Encarnação Soares Rosa, Atonguia da Baleia-Ferrel, 50\$; Casa de S. Vicente de Paulo, Lisboa, 50\$; Maria do Espírito Santo Lima Cordeiro, Palmela-Quinta do Anjo, 20\$00; Superiora das Irmãs de S. Vicente de Paulo-Monte de Santa Quitéria-Felgueiras, 50\$; Doentes do Sanatório do Outão, Setúbal, 20\$; Augusto Luis Aguiar Neves, Porto, 100\$; Maria Isabel Trigueiros-Frazaõ, Capinha-Quintam, 50\$; António Tavares da Silva, Asprela-Sermante-Carvalhos-Gaia, 50\$; Ambrosina Baltazar Ribeiro, Foz do Douro, 25\$; Domingos Ferreira Pinto, Areosa, 20\$; Dr. Joaquim Carvalho Mendes-Boure-Lardoura, Castido de Paiva, 25\$; Julieta Portal Jorge, S. João da Madeira, 40\$00; Maria Emília Duarte Costa, 50\$; Amílcar Teles Monteiro, 50\$; Mateus Marques Gaspar Vieira (2-anos), 60\$. Todos do-Porto.

A Cadeira do PERIQUITO

Chegou! Foi assim. Chamaram ó Telefone. O Cinco de Cête. O nosso telefone, sempre gostoso de receber destas mensagens.

—Aqui é do Porto. Diga-me uma coisa: o Periquito já está servido?

—Não senhor. Não está. Ainda não tem cadeira e mata-me, por isso, o bicho do ouvido.

—Pois já não mata. Tem cadeira. Uma cadeira de andar à roda.

Vai ser aqui o juízo final no dia em que ela vier! O senhor que oferece a cadeira, está acima de todos os elogios. Muito lhe devo, sim. Mas eu dou bem mais do que a cadeira. Dou o Periquito! Quanto me não tem custado a mim, o tê-lo posto à altura de tomar conta de uma oficina e de receber nela fregueses! Ouvir as queixas do mestre que o ensinou: *Ninguém o atura na loja. Ouvir o Maioral: ele passa o tempo nos caminhos. Ouvir a senhora: eu quero-o aqui a esfregar, nos dias em que não há oficina.* Ouvir o próprio a fazer queixas de todos: *está prai tudo contra mim, mas é!*

Vamos a ver agora.

Isto é a Casa do Gaiato

EU mandei o Avelino ó Porto no dia de entrudo com 60 mil reis e recado de ir a uma loja comprar serpentinas pra gente fazer a festa. O rapaz chega a casa ajoujado. Ajoujadíssimo. Dois pacotes do tamanho dele. Quiz saber. Tanta coisa por tão pouco dinheiro nos tempos em que justamente é preciso um rôr de dinheiro para obter pouca coisa. O dinheiro nunca esteve tão pobre nem tão desacreditado. Ainda por cima, fazem pouco dele. Quem quer o falsifica!

Mas vamos lá; quiz saber e perguntei. Que foi? Que tinha sido? Foi um senhor do Porto que topou o Avelino. Soube dele a missão e o dinheiro que levava. *Oh rapaz; isso não chega a nada. Guarda o dinheiro e vem daí.* O Avelino, de bem mandado que é, foi: O tal senhor do Porto mandou encher cartuchos e fazer pacotes e mais cartuchos e mais pacotes. Produziu uma inundação. Saíram as coisas do leite. Ora o tal senhor do Porto faz-las muito bem feitas, sim, mas fica de longe! Cento e quarenta rapazes embriagados com a inundação! A cozinha entusiasticamente.

A mesa das batatas é a mais frequentada por ovos. Aos deles que são fracos, também não faltam ovos. O resto da tropa, só por festa. Quem poderia? Eles são chusmas!

Os hóspedes do fim de semana, do Lar do Porto, também são mimosos de ovos. Eram seis, no derradeiro domingo: Zé Eduardo, Amândio, Oscar, Júlio, Carlos e Mondim. A' hora da partida vou dar com eles na cozinha, à roda de uma fritada de ovos. *Foi a senhora que fez,*—disseram. Era ovos e fatias de borôa. Borôa na bôca, borôa na algebeira. *No Porto não temos!* E lá se foram contentes; os seis *miraculosos*. Quem parte leva saudades, quem fica saudades tem!

Isto de ir à cozinha e pedir ovos à senhora e ela vai e frita ovos e deixa comer os rapazes à vontade. Isto de eu chegar e ninguém se perturba, antes ouvir um estrondoso *ai que bom*, soltado pelos seus hóspedes, a ver quem é o primeiro a falar, porque todos querem amar. Estes pequeninos nadas dos quais ninguém dá fé, são uma verdadeira escola de perfeição. E' o pão. E' o sabôr. E' a família. Fora da família, não há o Homem de bem. Há o animal racional.

A CABO agora mesmo de chegar de uma volta às oficinas, e oiço grande discussão no sitio aonde o Periquito trabalha. Sim, porque Periquito não tem, ainda, uma oficina. Falta-lhe a cadeira. Periquito anda triste e eu também.

Continuemos. A discussão era entre barbeiro e freguês.

—Dá-me cinco cigarros do Benfica.

—Não dou.

—Anda se queres que eu te corte o cabelo.

—Não dou nada.

Cigarros! Teria já o tabaco entrado nas nossas comunidades, disse eu baixinho de mim para mim?! Teremos o regresso à ponta do chão?! Oh tristeza!

—Aproximei-me. O freguês era o Pastelão. O Pastelão fizera ontem 14 anos e recebeu, por isso, algumas prendas. Como é servente da mesa dos senhores, todos os senhores quizeram ser agradáveis ó servente... O mestre de canto, deu-lhe um lenço. Eu, uma bola de tenis, das que deu a senhora das bolas. O professor Arlindo, chocolate. O professor Madureira, chocolate em cigarros, e aqui é que estava a confusão. A simpática confusão. Periquito é do Benfica. Quer a côr do Benfica. E teve a côr do Benfica. O freguês fez-lhe a vontade e o barbeiro também. Cabelinho cortado, cigarrinhos na mão e acabou.

NÃO é de dizer a ninguém o delírio universal que actualmente reina dentro dos nossos muros. Simplesmente inenarrável. Causa? Uma galinha! Uma galinha a chocar ovos. Ela foi pelo seu pé esconder-se nos baixos de uma das casas da aldeia, aonde foi vista, por uma gateira. O Sapo foi o primeiro a dar fé. Narrou. Outros foram vêr. Era verdade. Lá estava ela aninhada sobre os seus próprios ovos! Ovos que ela pôz e agora choca. Muitas outras teem chocado ovos doutras. Esta não. Fez como nenhuma e aqui é que está o delírio da malta. Eles passam ao pé da gateira, estendem-se, espregam: *olha ela toda inchada!*

—Quantos ovos tem?

—São muitos. Não se sabe!

Como as ninhadas aqui em casa ficam a ser conhecidas pelo nome de quem bota os ovos, já se ouve perguntar:

—O' coiso; de quem é esta ninhada?

—E' da galinha!

Caso inédito. Sim senhor. Gosto de galinhas senhoras do seu nariz. O que será aqui em casa quando ela sair pela gateira fora com o seu rancho?! O que será então, digo, se já hoje é tanto, vê-la sair sózinha a horas certas; horas dela, galinha, e ir pelo seu pé até onde os cozinheiros, pedir de comer! E os cozinheiros não teem mais que lhe

ferreirinha entregou-me um lenço formoso e disse que a senhora dele lho dera na Ateneia, para mim. O Ferreirinha é um fervoroso vendedor. Foi, até, na venda do jornal que a senhora dele fez entrega do dito. De lindo que era, o lenço, dei-o, ó Ferreirinha, e acho que, por isso, não caio no desagrado de ninguém. Foi um prémio à lealdade do rapaz. Ele também é tão bonito! Eu, farrapo!

Mas o melhor da festa vem agora. O Amândio, ao saber da história do lenço, vem-me contar que a senhora já lhe tinha falado no lenço e que era ele que o havia de trazer. Que o Ferreirinha anda-se mas é a fazer fino. Ora nesta altura, ainda o Amândio não sabia do rumo que o lenço levou. Quando vier a saber!... Simplesmente delicioso estas senhoras! Aonde estavam elas antes da casa do Gaiato! O Amândio conta, também, que a minha senhora foi à loja levar roupa para mim. Outros contam doutras! Quando eles vão pelas praias

vender, aparecem em casa cheinhos de senhoras. E falam. E disputam. *Ela quer que a gente torne lá comer!* Mas aonde é que estavam estas senhoras escondidas?! Não tiveram elas sempre a faculdade de amar? Tinham. Tiveram. Tiverem sempre, mas nem sempre a quem! Aqui está todo o valor das casas do Gaiato. E' por isso que eu não gosto que chamem aos meus filhos os internados. Eu quero que eles vão. Que se mostrem. Que falem. Que sejam os incendiários a propagar fôgo. Aquêlo fôgo que o Filho do Homem veio trazer a terra,—e quer que ele arda! Ora eis.

SAIU daqui agora mesmo o Periquito, de me fazer um pedido. E' um acréscimo ao que ontem me tinha feito. Foi leite à merenda. Quer leite à merenda.

—O' rapaz; o leite é prós fracos.

—Pois é. Olhe eu. E começa a apalpar-se a si mesmo.

Convenceu-me e os cozinheiros cumpriram as instruções. Porém, novo desejo surge, objecto do actual pedido. Açúcar, Periquito quer açúcar no leite.

—O leite tem açúcar.

—Não tem. O Constantino não lhe bota açúcar.

—Pois não, nem é preciso. O leite tem açúcar de si mesmo.

—Sim, mas eu boto-lhe borôa e ela tira o açúcar.

Conclusão. Ontem leite. Hoje açúcar. Por quanto me fica cada barba!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

DEU-SE hoje aqui pela falta do Marão. Estava o Nero na jaula, sim, mas o irmão não. Que é dele? Eis a pergunta nos lábios de toda a gente. Os animais, cá em casa, são porção da comunidade. Pois ninguém sabia dar conta do Marão, quando um dos rapazes alvitra: *Só se foram os do mato.* Pois tinham sido mesmos do mato! Saíram manhãzinha com enxadas, ancinhos, foice, borôa e um osso. Jacinto abriu a porta ó cão. Era mais um no rancho! O osso ia, não fosse fugir. Não fugiu. A' noite regressaram. Ora eu acho esta decisão dos rapazes simplesmente adorável. Estão no que é deles. Determinam-se. O trabalho não é fardo. Não é forçado. E' a alegria. Que o diga o Marão a lambar a malta a dar à cauda e a olhar pró osso!

Ontem escoraçados!

Uma carta

Com a mais viva admiração pela Obra, altamente Nacional e Humana, venho pedir-lhe para aceitar 100 litros de azeite que para Ela lhe ofereço.

E' favor dizer-me minuciosamente como devo proceder pois ser-me-ia muito desagradável ver surgir qualquer dificuldade, que a prejudicasse, na realização deste propósito.

E' dum Médico. E' da Beira Baixa. Leu o Gaiato e a explosão deu-se imediatamente: Cem litros de azeite!

Os qualificativos da Obra, são absolutamente adequados. Ela é nacional. Ela é humana. E só depois é que é de Deus. Primeiro o animal, depois o espiritual. Primeiro o homem, depois o santo.

Nota-se na pequenina carta deste Senhor, o Homem que olha em frente, capaz de se apaixonar. Ele não quer dificuldades na realização dos seus propósitos. Tão pouco eu os quero dar. Por isso mesmo, fui aqui a Penafiel à Comissão Reguladora pelas guias, as quais foram dadas em triplicado, a cinco tostões cada uma. Original, seguiu para a dita comissão em Trancoso. Duplicado, foi-me entregue, para acompanhar o vazilha, Triplicado, no arquivo. Total quinze tostões. Senhor Doutor, bem haja. Sei que os Pobres dessa terra têm nela um amigo. Quem assim dá pra longe, não deixa ficar à mingua os de perto.

OUTRA CARTA

Aqui vão mais algumas palavrinhas do tal engenheiro que V. «atraçou» há meses, publicando parte de uma carta que ele pediu para ficar só para si! E estas mesmas palavrinhas destinam-se apenas a dizer-lhe que apesar d'quela «tração» continuo a sentir, apreciar e meditar tão profundamente quanto me é possível sobre a Obra. Devoro o Gaiato, sinto-me perto de si e dos seus rapazes, exalto (procurando que isso seja sem venenos nem rancores) com as suas «espadeiradas» nesta sociedade que, esquecendo-se do Calvário, prefere os remédios curativos aos remédios preventivos (Casas do Gaiato)! Desculpe-me estes desabaços e... reze por mim e por todos aqueles que, pensando—bem ou mal—como eu, e com os olhos postos em Deus, talvez ainda o possam ajudar a valer, mais tarde ou mais cedo! Segue hoje mesmo um vale, correspondente à assinatura deste ano, acrescido de mais alguns tostões que talvez pequem por... serem poucos. Sei que devia fazer mais «sangue» em mim mesmo—e é para isso que peço as suas orações! E que estas envolvam a minha família—que como lhe disse já constitui—prestes a aumentar...

Este moço, que eu não conheço, engenheiro e pai, vive e trabalha em Lisboa. Não mostra sinal

A nossa Páscoa

Parece-me que as galinhas ainda põem ovos como dantes. Também não consta que o Espelho da Moda tenha mudado do 54 ós Clérigos. Outrossim a Casa do Gaiato, que se encontra cada vez mais nutrida, tendo ao seu serviço as estações do C. F. e dos C. T. T., ambas em Cête, pegadinho. Ora sendo assim, pedimos e esperamos dos nossos amigos, os costumados ovos de Páscoa.

nenhum que o distinga dos mais do seu tempo e da sua categoria. Na rua, nos eléctricos, no Stadium, no trabalho, no convívio, na igreja—quem é que distingue, se ele também não?! E' só pela fala.

E' justamente a fala que o atraiçoa. Assim aconteceu a Pedro! Leia-se a carta. Lá está a fala de Jesus Nazareno! Um cristão é por natureza facho de luz. Não é d'ele. E' luz que provém da Luz. Exulta sem venenos nem rancores. Sim. A caridade não se irrita a folga com a justiça.

Esta. Outra. Muitas cartas que nós aqui recebemos diariamente, são uma afirmação da existência e da presença de Deus. Da riqueza e valor da alma imortal. Da ansia do eterno.

Meu caro engenheiro, gosto de o saber perto de mim e dos meus rapazes. Gostaria de saber que todos os portugueses tomassem idêntica posição. Não por mim. Por amor deles portugueses. Eu também quero estar muito pertinho de si, quando chegar a hora que espera... e que merece!